

OBSERVATÓRIO DE GÊNERO E DIVERSIDADE DA UFPEL: CONSTRUINDO O TRABALHO EM REDE EM PELOTAS E REGIÃO

UELQUER GUEDES DE SOUZA¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Discente do Curso de Psicologia e bolsista do

Observatório de Gênero e Diversidade da UFPEL – uelquerguedes@gmail.com

²Professora da Faculdade de Educação e Coordenadora do

Observatório de Gênero e Diversidade da UFPEL – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a resgatar a trajetória do Observatório de Gênero e Diversidade da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, salientando suas ações, buscando uma reflexão sobre a caminhada executada até o momento, identificando e problematizando seus avanços e seus limites. Esmeraldo (2010) nos afirma que conhecer a trajetória de redes de grupos de estudo sobre gênero e diversidade nas instituições de ensino e também de pesquisadoras feministas, além de ter valor histórico e científico, possibilita a consolidação e expansão da rede, consequentemente, ampliando a visão da relevância social dos estudos de gênero.

Dessa forma, projetos como o do Observatório de Gênero e Diversidade têm papel essencial numa instituição de proporções como a Universidade Federal de Pelotas, papel esse de caráter formador e transformador, que evidenciam o contributo de suas diversas ações e projetos no desenvolvimento das funções acadêmicas. A proposta da criação de um Observatório de Gênero e Diversidade na UFPEL surgiu em janeiro de 2014, como uma iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPEL (PREC), com o intuito de formar um espaço interdisciplinar de aproximação de pesquisadores/as da própria instituição e de diversas áreas do conhecimento que atuam na área. Grupos constituídos na cidade que atuam nas temáticas gênero e diversidade (como o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher e o Grupo Autônomo de Mulheres de Pelotas) solicitaram à PREC que viabilizasse a criação de um espaço na e da Universidade que agregasse a atuação neste âmbito. Assim, desde 2014 o objetivo do Observatório tem sido o de fortalecer as atuações da UFPEL neste âmbito, no sentido de ampliar e qualificar a rede de atuação nas áreas de gênero e diversidade em Pelotas e também na região, incentivando ações em parceria com outras instituições – governamentais e não-governamentais.

Entendemos que foi a partir dos movimentos feministas, segundo Blay (2006) que se evidenciou na ciência acadêmica a ausência do conhecimento sobre as mulheres, suas contribuições culturais e suas demandas específicas. Podemos entender também, diante das reflexões sobre os movimentos sociais, a fundamental importância do papel das mulheres como contribuidoras para o cenário atual, considerando esse movimento como carro “abre-alas” para o começo das discussões sobre outras temáticas que passam a ser entendidas também como tratados ao respeito às diversidades sejam de gênero ou sexualidades.

No Brasil, o encontro entre a educação e a perspectiva de gênero e sexualidade sempre foi problemático, de certa maneira uma parcela da sociedade brasileira reconhece o lugar dessas questões no interior das instituições de ensino. Foucault (1984, p. 30) já descrevia as escolas da Europa do século XVIII

como verdadeiras maquinarias que permaneciam em constante estado de alerta. Segundo o autor “O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios [...], os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo falava da maneira mais prolixa da sexualidade”.

A partir dos anos 1960 os movimentos sociais, pelos direitos civis, as lutas feministas, os movimentos LGBT, as reivindicações étnico-raciais produziram marcas no discurso sobre as instituições de ensino. Entretanto, nesse mesmo período o interesse crescente pela educação sexual entre os educadores leva a apresentação de um projeto de lei propondo a introdução da educação sexual nas escolas primárias e secundárias do país (WEREBE, 1998, p. 173). Fora justamente nesse momento que todo esse movimento foi reprimido pela ditadura militar. Temos então a proibição da exposição de temas ligados à sexualidade nas escolas brasileiras. Como a ditadura impôs um regime de controle e moralização dos costumes, a educação sexual foi definitivamente banida de qualquer discurso escolar por parte do estado.

As discussões sobre gênero, educação sexual ou feminismo surgem como parte de um projeto de escola com base nas lutas pela redemocratização e nesse exato momento a educação sexual aparece como uma reivindicação importante do movimento feminista brasileiro, segundo (BRUSQUINI; BARROSO, 1983) projetos de educação sexual estiveram fortemente ligados a intelectuais feministas. Observa-se então o movimento de luta contra o patriarcado e à hierarquia de gênero por parte de feministas, mulheres, como base para tantas outras lutas e como uma proposta libertadora dos corpos, das mulheres e dos indivíduos.

Ao pensarmos no movimento iniciado por feministas, podemos então adentrar nas questões de gênero. Ao abordarmos gênero como categoria de investigação, precisamos recusar os lugares definidos para as dicotomias entre masculino e feminino, além de reconstruir os significados dos corpos, dos desejos e dos prazeres (SCOTT, 1995), recordando-nos que todos os projetos de educação sexual dos anos de luta partiram de uma perspectiva libertária que foram representadas pelas abordagens feministas.

2. METODOLOGIA

Uma dimensão fundamental a ser considerada é a interdisciplinaridade que o Observatório de Gênero e Diversidade promove em função de seus componentes, articulando diversas áreas do conhecimento provindas não só da UFPel, mas também das demais instituições e grupos que constituem a Rede, buscando atuar na perspectiva da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão.

Em relação ao ensino, o Observatório busca estimular a atuação de seus/suas docentes em disciplinas que tratem do tema. Há no corpo de docentes vinculados ao projeto do Observatório, professores/as que atuam em disciplinas – tanto na graduação como na pós-graduação – que abordam o tema, mas trata-se ainda de ações um tanto isoladas e dispersas, se pensarmos na dimensão de uma Universidade como a UFPel que possui hoje quase 100 cursos de graduação e em torno de 20 mil alunos/as. É uma importante missão do Observatório ampliar o número de professores/as trabalhando com gênero e diversidade, assim como a quantidade de disciplinas que abordem o tema, contribuindo dessa forma para a formação desses/as alunos/as e aprimorando o ensino na graduação e pós-graduação.

No que se refere à extensão, o Observatório já nasce com parcerias externas consolidadas, sendo sua participação no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher do município um exemplo disso. Com a participação do Observatório nesse espaço, a comunidade da UFPel pode acessar – via encaminhamento - outras instituições, como a rede de proteção às mulheres vítimas de violência da cidade, formada pela Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM) e o Centro de Referência no Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência de Pelotas (órgão da Prefeitura de Pelotas que presta atendimento psicológico a mulheres vítimas de violência).

No que diz respeito à pesquisa acadêmica, o Observatório possui entre seus membros pesquisadores/as que coordenam investigações nessa temática. Esse fato auxilia num processo de articulação entre pesquisa, ensino e extensão, já que alguns/mas envolvidos/as já atuam nessa perspectiva. Entre as metas do Observatório estão aproximar e fazer dialogar as experiências investigativas referentes a gênero e diversidade já existentes na UFPel, além de estimular o desenvolvimento de novos estudos sobre o tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere à extensão acadêmica, importante ressaltar que desde 2014 o Observatório possui um assento no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, na cidade de Pelotas/RS. Entre 2014 e 2015 o Observatório encabeçou uma campanha contra a violência de gênero, especialmente com jovens acadêmicas, a partir de uma série de denúncias de casos de violência com discentes da Universidade. A campanha foi denominada *Pelotas Sem Medo*, quando mais de vinte entidades locais construíram um documento que, divulgado na mídia, abriu espaço para a discussão do tema em diversos setores da sociedade, como programas de debates em rádio e televisão, panfletagens em espaços públicos, etc. Além disso, a campanha foi fortemente divulgada na própria instituição, a partir da criação e divulgação de uma identidade visual, que facilitou a divulgação desse movimento. A Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) e a Rádio federal FM se somaram à iniciativa e em muito auxiliaram na divulgação da campanha.

Outra iniciativa extensionista que vale à pena salientar ocorreu em 2015 quando o Observatório organizou uma Pré Conferência dos Direitos das Mulheres na UFPel, voltada especialmente para a comunidade universitária. O evento foi uma atividade preparatória para a Conferência Municipal dos Direitos da Mulher que, por sua vez, encaminharia os resultados para a Conferência Nacional.

No que se refere à produção científica, entre os dias 18 e 20 de maio deste ano o Observatório realizou o *I Simpósio de Gênero e Diversidade: debatendo identidades*, a fim de ampliar o debate entre pesquisadores, estudantes e comunidade em geral sobre a produção acadêmica nas áreas de gênero e diversidade. O evento se organizou a partir de oito eixos temáticos, que foram: mulheres do campo, saúde, educação, trabalho, artes, sexualidades, violência e, ainda, raça e etnia. Além de ampliar e dar visibilidade a esses temas na própria instituição, o evento proporcionou expandir suas conexões de modo a envolver outros grupos, centros e núcleos de gênero no estado e no país, já que trouxe à cidade diversos palestrantes de outras instituições do país.

No que se refere às atividades de ensino, atualmente o Observatório está ofertando em caráter universal a disciplina *Estudos de Gênero e Diversidade*. A disciplina surpreendeu pela grande procura, o que demonstra a necessidade de abordarmos o tema já na formação dos/as acadêmicos/as na graduação.

Inicialmente planejada para uma única turma piloto, já começamos com duas turmas, ambas lotadas.

4. CONCLUSÕES

Consideramos importante ressaltar alguns limites e dificuldades apresentadas até o momento. Uma delas se refere a estrutura físico-financeira do grupo, ainda frágil. Outro elemento que podemos destacar é a ausência de parcela de investigadoras/es dessas temáticas da própria instituição. Em tempos de grande individualismo, inclusive acadêmico, o Observatório representa uma experiência que, de certa forma, se coloca na contramão do contexto atual. O Observatório nasce em uma Pró-Reitoria de Extensão, e sabemos que nas instituições acadêmicas a extensão não é praticada por todos/as os/as pesquisadores/as.

Enfim, encerramos este texto com a certeza que vivemos tempos políticos muito difíceis. O projeto da *Escola sem Partido* toma fôlego e se configura numa grande ameaça ao desenvolvimento desses temas nos espaços de ensino e na sociedade de forma geral. Essa proposta despolitiza a educação pois, de acordo com Frigotto (2016), quer defender “o *partido absoluto e único: partido da intolerância com as diferentes ou antagônicas visões de mundo, e conhecimento, de educação, de justiça, de liberdade; partido, portanto da xenofobia nas suas diferentes facetas: de gênero, de etnia, da pobreza e dos pobres, etc.*” Dessa forma, é urgente o fortalecimento e a ampliação de iniciativas dessa natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAY, Eva Alterman (2006). Núcleos de estudos da Mulher X Academia. In: Brasil/SPM. **Pensando gênero e ciência**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas. 2005/2006.
- BRUSQUINI, Carmem; BARROSO, Cristina. Caminhando juntas: uma experiência em educação sexual na periferia de São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 45, 1983.
- ESMERALDO, Gema Galgani S. L. **A formação em estudos de gênero, mulheres e feminismo: impasses, dificuldades e avanços**. In: Pensando gênero e ciências. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas – 2009. Brasília: SPM, Presidência da República, 2010, p. 91-101. Disponível em: <<http://www.SPM.gov.br/publicacoes/2010/spm-nucleos-web.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. “Escola sem Partido”: imposição da mordaca aos educadores. 01 jul. 2016. **Cpers Sindicato**. In: <http://cpers.com.br/escola-sem-partido-imposicao-da-mordaca-aos-educadores/>. Acesso em ago. 2016.
- Observatório de Gênero e Diversidade da UFPEL**. In: <<http://wp.ufpel.edu.br/observatorio>> Acessado em 14 ago 2016.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.